A Visão de Spengler sobre a Crise do Ocidente

Caio Lóssio Botelho

O pensador alemão Oswald Spengler, com sua obra imortal *A Decadência do Ocidente*, faz uma das análises mais lúcidas sobre a crise da civilização ocidental.

Abandonou o autor a visão linear e progressista da História Humana, adotando a visão organicista, que parte do primado de um *impulso imanente*, que leva toda a sociedade a passar por três fases distintas: a infância, a maturidade e a velhice. Diz Splenger que as culturas passam por esses estágios como uma decorrência de sua própria natureza intrínseca, e não a fatores de ordem externa. Os fatores externos são limitativos ou permissivos no processo de desenvolvimento, porém, o processo imanente do ciclo vital comanda o desenvolvimento das culturas.

Spengler relaciona oito culturas: a egipcia, a babilônica, a índica, a chinesa, a clássica (greco-romana), a árabe, a mexicana e a ocidental. Nega a proeminência da cultura ocidental, considerando que no esquema da História todas as culturas são igualmente importantes. Afirma que as culturas passadas estiveram sujeitas a este ciclo vital. Diz o autor que "cada cultura tem suas próprias possibilidades novas de autoexpressão que surgem, amadurecem e decaem e nunca voltam. Toda cultura passa pelas mesmas fases de idade que o homem individual. Cada um tem sua infância, sua juventude, sua maturidade e sua idade senil." Para este pensador alemão, cada um destes períodos apresentam características com profundas individualidades. Essa ótica de Spengler, como vimos,

prioriza a visão cíclica da História dentro de uma perspectiva organicista, fruto de sua época. Para ele, todas as culturas terão um fim inexorável, que pode tardar, prolongar a sua agonia por milênios, mas, que acaba sempre por estiolar-se, tal aconteceu com as culturas: chinesa, hindu e a islâmica.

Cada cultura cria um tônus próprio, para se expressar através da arte, da literatura, das leis etc., tem cada uma seu próprio conhecimento da natureza. Modela a natureza sobre a própria imagem de sua cultura, ressalta ainda que cada cultura tem um modo espiritual de extinção, porém, todas passam pelas mesmas fases.

Spengler afirma como indicadores da fase final da cultura o seguinte: "o cosmopolitismo, com a desagregação do Estado, da nação; o advento de uma sociedade internacional em substituição à sociedade nacional; o aparecimento da megalópolis patológica, artificial; o desaparecimento da religiosidade autêntica, substituída por uma irreligião científica ou por metafísicas abstratas e vazias; apego a valores abstratos, entre os quais o dinheiro, em lugar do apego à terra e aos valores autênticos, naturais e humanos; prevalência da sexualidade sobre os sentimentos de família e de maternidade; preferência pelas diversões fúteis; *panem et circenses,* em lugar das festas populares religiosas e espontâneas; lutas de classes em vez de unidade; comercialização da arte que deixa de ser uma necessidade espiritual para se tornar sensacionalista, imitativa, esclerosada; culto do grandioso, obsessão do poder, imperialismos. É na fase final das civilizações, portanto, que a cidade monstruosamente desenvolvida — a megalópolis — aparece. No passado foram Babilônia, Tebas, Alexandria, Roma, Constantinopla, hoje Paris, Londres, Nova York, Berlim. Nessas cidades a vida se torna artificial, intelectualizada, estéril. Os sentimentos humanos e naturais atrofiam-se. A mulher deixa de ser mãe e torna-se uma descontente, uma revoltada ou uma devassa."

Para Spengler, a fase final de uma cultura é a civilização; por isso, afirma aquele autor, que a civilização é o último estágio da cultura, aliás, o mais extenso, o mais artificial e o decadente no processo cultural. No clímax de uma civilização, a cultura começa a perder a importância do ser, para priorizar o ter. Antes do seu desaparecimento, é ela bafejada

pelo "fascínio da segunda religiosidade, a febre de um novo movimento religioso, uma onda de misticismo ou agnosticismo. Isto assinala o fim do curso vital da cultura: sua morte e possivelmente a emersão de uma nova cultura."

Pelo quadro acima retratado, não é difícil identificar-se muitos destes traços com aqueles, que caracterizam a época em que vivemos, a qual assiste inexoravelmente o ocaso da cultura, onde lamentavelmente se prioriza o ter, isto é, o homem econômico em detrimento do ser, o homem moral ou ético.

Spengler afirma que somos, simultaneamente, observadores e atores do último ato da tragédia de uma cultura. Afirma peremptoriamente: "estamos condenados inelutavelmente à decadência e nada podemos fazer para impedi-lo. A grande cidade avassaladora domina. A vida se artificializa. O homem não consegue dominar a máquina que criou e se converte em escravo dela. Os sistemas econômicos sofrem de suas contradições. O homem da *urbis* esgotado anseia por formas mais simples de vida, aspira estar mais próximo da natureza. Reflorescem os movimentos espirituais. Anuncia-se a segunda religiosidade. A democracia é corrompida pelo dinheiro e o cesarismo ameaça as democracias. Os direitos constitucionais revelam-se uma farsa. Só pode fazer uso deles os que dispõem de dinheiro. O voto não é livre pois é controlado pela máquina eleitoral. A imprensa: arma de propaganda, corrompe a liberdade mental. A propaganda impede o povo de pensar por si mesmo e o obriga a aceitar cada vez mais o que é oferecido pela imprensa. Forjam-se "verdades" que são impingidas aos homens. A liberdade de Imprensa é meramente teórica, desde que a Imprensa é livre de aceitar ou rejeitar o que se queira dizer. O silêncio criado em torno da Verdade pode condená-la a ser ignorada. Parlamentos, congressos, eleições são uma espécie de jogo previsto de antemão, uma farsa levantada em nome da autodeterminação do povo. O dinheiro destrói a democracia assim como destrói a inteligência. Os líderes recrutam-se entre políticos inescrupulosos e sem formação intelectual. As lutas, os distúrbios, a insegurança tornam-se crônicos. Em conseqüência de tudo isso os homens, desgostosos com o valor material do dinheiro, anseiam pela salvação que deverá vir ou do restabelecimento dos valores antigos, ou pela chegada de um novo salvador. A cultu-

ra se desintegra paulatinamente, sob o signo da segunda religiosidade."

Numa visão apocalíptica e numa antevisão das crises geradas nas civilizações, em página lapidar assim se expressa Spengler: "... jazerão em fragmentos, esquecidos as nossas ferrovias e navios, tão esquecidos como as vias romanas e a muralha chinesa. Nossas cidades gigantescas e os arranhacéus serão um montão de ruínas como a velha Mênfis e Babilônia. Na história das técnicas mecânicas da grande *urbis* há um impulso inevitável para a morte. Serão corroídas por dentro como as grandes formas de qualquer cultura. Quando e de que maneira, é o que não sabemos."

Como vemos, aquele pensador revelou uma profunda convicção sobre a crise de nossa cultura ocidental, e que se assenta inexoravelmente no fato de que as civilizações priorizam o ter, enquanto que as culturas enfatizam o ser.

Não resta dúvidas que na civilização atual tudo muda tão rapidamente, que a própria educação perdeu o seu alicerce filosófico. A educação hodierna é voltada prioritariamente para educar uma civilização em mudança. A ética do trabalho que se ajustava ao artesanato transmutou-se com a introdução da máquina; aí novas bases éticas foram introduzidas em função da produção, da máquina e da tecnologia. Na procura de estabelecer novas bases de ajustamento entre o homem e a máquina, através de novas posturas psicológicas, o homem priorizou o ter. E nesta nova postura o homem estabeleceu uma série de confusão de valores, onde o problema das relacões e da integração do homem com o trabalho, isto é, da ética do trabalho perdura até hoje, sem uma solução compatível com as nossas transformacões. Tudo isso mudou o comportamento social da humanidade, gerou a instabilidade da vida familiar, e uma vez rompido o equilíbrio relativo dentro do qual viveram gerações e gerações, tem angustiado profundamente a humanidade, visto que a conquista de um novo equilíbrio não foi estabelecida; daí a angústia coletiva hoje expressa na filosofia existencialista. A análise circunstancial deste fato deixa a descoberto as grandes contradições do mundo ocidental. A consciência de crise se alastrou, a angústia das contradições do mundo em que vivemos, e a necessidade de uma mudança profunda ou a busca de uma solução é a tônica predominante dos pensadores da atualidade, os quais procuram uma indicação, uma solução que ajude a compreensão da crise contemporânea.

BIBLIOGRAFIA

1. SPENGLER, Oswald — *A Decadência do Ocidente.*
2. NOGARE, Pedro Dalle — *Humanismos e Anti-Humanismos* — Introdução à Antropologia Filosófica.
3. QUIGLEY, Carroll — *A Evolução das Civilizações.*
4. TOYNBEE, Arnold — ***Um Estudo de História.***